

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

1290

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013

COMPETE
2020
PROGRAMA OPERACIONAL COMERCÍO E INOVAÇÃO

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

TERRITÓRIO: REORGANIZAR INTERNAMENTE O PAÍS DEPOIS DO MODELO UNIPOLAR E DO DESLAÇAMENTO

José Reis

O território não beneficia, em geral, dos favores da atenção da economia política e das ciências sociais. Salvo no caso das análises disciplinares mais específicas, ele aparece, se tanto, sob a forma de categoria descritiva. Mesmo quando se procura compreender a formação de determinadas arquiteturas institucionais e as suas consequências na organização coletiva, o território é, em geral, uma variável ausente.

A ideia de que esta é uma questão essencial de uma boa organização coletiva sempre teve defensores obstinados. E estes sabem, ao contrário dos que têm respostas apressadas, que uma visão territorial é, por natureza, multiescalar: é local, é regional, é urbana e é rural, é nacional e até pode ser transfronteiriça e, portanto, internacional. Não cai em simplismos como a redução da coesão territorial a uma vaga noção de relação paternalista com o “interior”, como tem acontecido entre nós. Ou a ideia de que a territórios frágeis se dão condições de caráter geral, pois não vale a pena insistir neles, visto que têm pouco para devolver.

Nas duas décadas deste século, Portugal teve a maior convulsão territorial da nossa contemporaneidade: ela consistiu numa alteração profunda das relações entre as regiões, cujas evoluções se tornaram assimétricas e contrastantes como nunca foram. Isso resultou de algo muito preciso: uma forma de crescimento *unipolar*, centrado na Área Metropolitana de Lisboa (AML), com perdas de todos os outros espaços, sejam eles urbanos, rurais, litorais ou interiores. A consequência mais significativa

de tudo isto foi o que se passou com as cidades médias, que generalizadamente regrediram em termos demográficos, deixando-nos sem um sistema urbano nacional capaz.

Com estas tendências, a possibilidade do surgimento de crises territoriais relevantes era bastante plausível, mesmo que continuássemos sob tão pesada “normalidade”.

A atenção às cidades médias, aos pequenos meios, às regiões, aos diferentes territórios é essencial para reequilibrar o país. Só ganharemos essa capacidade se em cada espaço cuidarmos das respetivas economias – indústria, agricultura, serviços públicos, habitação, formas diversas de assegurar localmente bem-estar. Se tivermos uma ideia para cada um deles, à escala apropriada – isto é, se pensarmos em termos de desenvolvimento e não em termos assistencialistas.

O território é uma condição de coerência do modelo de desenvolvimento com a sociedade que o sustenta. Estamos agora no tempo de todos compreendermos que o desafio é recolocar a economia em relação com a comunidade que deve servir. E com a finalidade da vida. Desglobalizar, quebrar dependências, centrar a economia no país naquilo que nos salva, como a saúde, a ciência, os abastecimentos (com as infraestruturas que os possibilitam e as redes que os garantem): “retornar à produção nacional e à nossa reindustrialização”. Ora, não há recentramento no país se não houver vitalidade territorial e articulação regional.